ISSN: 2358-8829

CONTRIBUIÇÃO DOS ESPAÇOS EXTERNOS PARA O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Nicoly de Oliveira Saturno [1]
Andréa Haddad Barbosa [2]

INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa foi selecionado em função da lacuna observada, durante as experiências práticas na graduação, sobre o pouco uso dos espaços externos para o ensino e aprendizagem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. De modo geral, as aulas observadas resumiam-se a utilizar livros didáticos. Nesse cenário, os espaços externos da escola, embora constituam importantes possibilidades educativas, parecem ainda pouco explorados como ambientes de aprendizagem.

Diante dessa realidade, este artigo tem como objetivo geral analisar o potencial dos espaços externos da escola como ambientes favoráveis aos processos de ensino e aprendizagem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Para tanto, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: identificar pesquisas que discutem a utilização dos espaços externos como possibilidades pedagógicas; analisar suas contribuições para o ensino e a aprendizagem das crianças; compreender as possíveis contribuições da Filosofia da Experiência, de John Dewey, especialmente no que se refere à articulação entre educação e vida e investigar possíveis aproximações entre princípios da Filosofia da Experiência e a proposta metodológica dos Estudos do Meio, apresentada por Antoni Zabala. Busca, ainda, responder à seguinte problemática: Os espaços externos da escola podem potencializar o processo de ensino e aprendizagem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental?

[1] Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina - UEL. Colaboradora no L.A.I. - Laboratório dos Anos Iniciais, e-mail nicoly.o.saturno@gmail.com
[2] Doutora em Educação. Professora do Curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Londrina - UEL.Colaboradora no L.A.I. - Laboratório dos Anos Iniciais, e-mail andreahb@uel.br

ISSN: 2358-8829

A primeira seção deste trabalho relata o que dizem algumas pesquisas a respeito da importância dos espaços externos para o ensino e aprendizagem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Ao realizar essa coleta de dados, foram encontrados mais artigos direcionados à Educação Infantil. Tais fatos revelaram uma escassez de estudos que considerem o potencial dos espaços externos da escola para o ensino e aprendizagem nos Anos Iniciais.

Na sequência, são apresentados alguns aspectos da Filosofia da Experiência de John Dewey (2023), abordando suas críticas à educação tradicional e a sua proposta de uma educação baseada na experiência, que valorize a continuidade, a interação e o pensamento reflexivo dos estudantes. Tem-se como foco a importância de se relacionar a educação com a vida, compreendendo como as experiências fora da sala de aula são essenciais para um bom ensino e aprendizagem.

Para concluir, faz-se um diálogo entre a Filosofia da Experiência de John Dewey (2023) e o método Estudo do Meio, apresentado por Antoni Zabala (1998; 2002). Como mencionado na seção anterior, para Dewey (2023), a educação se relaciona intimamente com a vida, pois o foco é priorizar o interesse da criança como ponto de partida para o processo de ensino e aprendizagem. A proposta de Estudos do Meio, defendida por Zabala (1998; 2002), também parte desse mesmo pressuposto. O desafio desta seção é entrelaçar as etapas da metodologia de Estudos do Meio com alguns dos princípios da Filosofia da Experiência. No ensaio desse diálogo, busca-se agregar qualidade à experiência que pode ser proporcionada quando se deseja aplicar a metodologia de Estudos do Meio e valorizar o espaço externo da sala de aula como um local importante de aprendizagem.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, exploratória e de natureza qualitativa. A pesquisa bibliográfica permite o levantamento do conhecimento já produzido. Segundo Gil (2008), baseia-se em materiais já publicados, como livros e artigos científicos. Desta forma, é possível identificar e analisar diversas fontes que discutem o uso de espaços externos na educação, bem como a filosofia de John Dewey (2023) e a proposta apresentada por Antoni Zabala (1998).

ISSN: 2358-8829

ALÉM DAS QUATRO PAREDES: os espaços externos como ampliadores da aprendizagem nos Anos Iniciais

Os espaços externos são considerados importantes para o desenvolvimento das crianças, uma vez que são "convidativos", ou seja, parte das crianças sente-se motivada a explorar esses ambientes, os quais conduzem a uma mobilização corporal e podem, também, contribuir para o desenvolvimento de habilidades espaciais, motoras, cognitivas e sociais. Assim, cria-se uma noção maior do seu "eu" no mundo, ou seja, através do contato com os espaços externos, as crianças se desenvolvem, vivenciam e compreendem o mundo ao seu redor (Bento; Portugal, 2016). Segundo Rosa (2022), as crianças, de modo geral, atribuem uma certa importância às atividades escolares desenvolvidas fora de sala de aula, pois elas demonstram-se mais empenhadas e motivadas quando as realizam nesses ambientes. A autora também salienta que as alternativas de aprendizagem devem ter como foco o processo ativo e centrado no aluno.

Entretanto, esse tema nem sempre é valorizado na formação dos educadores e na formação continuada. Particularmente durante a graduação, na experiência de uma das pesquisadoras, pouco se ouviu falar sobre a valorização do espaço externo para a aprendizagem dos alunos dos Anos Iniciais. Talvez essa realidade se estenda a outras universidades, o que, talvez, seja a razão de os educadores não se sentirem "confortáveis" para levar as crianças aos espaços externos, contribuindo para a predominância do ensino limitado à sala de aula. Portanto, os profissionais da educação devem assegurar e criar condições para que esses futuros educadores sintam-se confortáveis para proporcionar essas experiências a seus alunos, na busca por uma educação de mais qualidade (Bento; Portugal, 2016).

Rosa (2022) afirma que, mesmo nos dias atuais, as salas de aula continuam a utilizar modelos tradicionais de ensino, uma "herança de tempos idos" como a própria autora menciona. Essa cultura de boa parte das instituições escolares dificulta a exploração de outros espaços para o ensino e aprendizagem, corroborando a visão de que o único ambiente de aprendizagem na escola é a sala de aula. Ainda para a autora, os espaços exteriores à sala de aula contribuem para a aprendizagem, pois conciliar os dois mundos, "o dentro da sala de aula" e o "fora da sala de aula", pode resultar em maior compreensão por parte dos alunos. A construção de conhecimentos não se resume ao

ambiente escolar, ocorre também no meio social, que é um espaço importante para desenvolver o potencial de aprendizagem dos alunos.

> Tem sido demonstrado que a utilização de contextos de aprendizagem diversificados, que permitam que os alunos participem ativamente na construção das suas próprias aprendizagens, resulta em maior motivação dos alunos para as aprendizagens e em aprendizagens mais efetivas, participadas e significativas, num modelo de escola integrado, que olha para a criança como um todo (Rosa, 2022, p.15).

Os educadores têm a responsabilidade de potencializar os conteúdos, isto é, torná-los mais significativos e concretos para as crianças à medida que exploram os espaços de vivência. Em outras palavras, deve-se aproximar os conteúdos escolares da vida, adequando-os às particularidades de cada turma. Além do mais, é de responsabilidade dos educadores reconhecer a importância do meio para a aprendizagem dos alunos, para oportunizar maior contato e relacionamento com os espaços externos. Os professores podem ir além da metodologia tradicional de ensino. “Reconhecer o espaço exterior como um contexto pedagógico exige uma atitude de profundo respeito e confiança nas crianças enquanto melhores indicadores daquilo que é significativo e importante para elas” (Bento; Portugal, 2016, p. 101).

Assim, pode-se dizer que esses ambientes são grandes potencializadores para o ensino, de forma a agregar qualidade às experiências escolares. Tal perspectiva não é nova. Alguns autores, como John Dewey, por exemplo, já apontavam a importância de vincular a escola com a vida, ou melhor, para ele a escola é a própria vida.

FILOSOFIA DA EXPERIÊNCIA DE DEWEY PARA UMA EDUCAÇÃO QUE TRANSCENDE OS MUROS DA ESCOLA

O século XX foi um período de bastante transformações na educação como um todo, e é possível destacar diferentes abordagens para o ensino e aprendizagem, como as premissas defendidas por Maria Montessori, Paulo Freire, Celestin Freinet, John Dewey e outros, que contribuíram para enriquecer as compreensões que se tinha sobre esse processo. Embora diversos educadores tenham buscado sair do que se perpetuava naquele momento e passado a questionar a educação tradicional enraizada na sociedade, neste artigo, dar-se-á destaque às ideias de John Dewey.

John Dewey criticava a educação tradicional arduamente e caracterizava-a como presa às gerações passadas, em que os estudantes deveriam ser receptivos e obedientes,

tendo que escutar o docente e ler os livros didáticos ou manuais, já que estes possuíam toda a sabedoria dos antepassados. Os professores deveriam utilizá-los como o instrumento principal para o ensino e aprendizagem. Nessa metodologia, o aprender era totalmente estático e o ensino era um produto acabado, ou seja, ela impossibilitava um envolvimento mais ativo dos estudantes na educação escolar (Dewey, 2023).

De forma resumida, a teoria da experiência defendida por Dewey consistia na valorização da qualidade das experiências dentro da sala de aula. Para o autor, na educação tradicional, têm-se experiências, mas o grande problema é que, na maioria das vezes, as experiências nesse modelo se dão de forma equivocada (Dewey, 2023). Os alunos, de modo geral, não conseguem relacionar os conteúdos estudados com a vida, já que os professores não provocam esse tipo de reflexão.

Segundo Dewey, a escola pode proporcionar experiências que não são válidas, podendo ser até deseducativas. Um exemplo são algumas experiências que podem cair na rotina, sendo feitas, todas as vezes, igualmente, isto é, de forma mecânica, não gerando uma continuidade. Existem também aquelas que podem ser prazerosas, não sendo, entretanto, tão educativas, quando ficam na superficialidade, não levando o indivíduo a avançar no conhecimento, contribuindo para suas experiências futuras (Dewey, 2023). Em síntese, o autor reforça que "Qualquer experiência que tenha o efeito de impedir ou distorcer o amadurecimento para futuras experiências é deseducativa" (p. 24).

As experiências devem se conectar uma à outra para que possam contribuir para um ciclo de desenvolvimento e aprendizagem. Aliás, o problema não é a falta de experiência, já que estão presentes em qualquer ambiente escolar, mas a qualidade dessa experiência e sua continuidade para as próximas. Por isso Dewey (2023, p.28) afirma: "Totalmente independente do desejo ou da intenção, toda experiência vive e perpetua nas experiências futuras".

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Anísio Teixeira (1980) declarou: "O que é aprendido, sendo aprendido fora do lugar real que tem na vida, perde com isso o seu valor" (p.124). O aprender se relaciona com a vida. Desse modo, para se ter uma maior qualidade na aprendizagem, deve-se relacionar essas experiências e conteúdos com a vida dos alunos, trazendo, assim, qualidade para o ensino-aprendizagem.

> Ora, se a vida não é mais que um tecido de experiências de toda sorte, se não podemos viver sem estar constantemente sofrendo e fazendo experiências, é que a vida é toda ela uma longa aprendizagem. Vida, experiência, aprendizagem - não se podem separar. Simultaneamente vivemos, experimentamos e aprendemos (Teixeira, 1980, p.115).

O crescimento, para ele, é sinônimo de aprender, e o processo educativo é fundamental nas relações humanas, tanto dentro como fora da escola. Por causa disso, para ele, o aprender sem se relacionar com a vida fora da instituição escolar é vazio, não possui relevância para os alunos, que não aprenderiam realmente e estariam, sim, apenas reproduzindo esse conteúdo. Para Teixeira (1980), a educação é um processo de reorganização e transformação, quer dizer, não é um produto estático/acabado.

Uma educação voltada para as experiências tem que se preocupar com as próximas experiências, de uma forma que uma se entrelaça na outra, trazendo continuidade para esse processo. Por isso, esse processo está além da escola como instituição, relaciona-se totalmente com a vida, pois todos os seres humanos aprendem e compreendem o mundo ao seu redor através de suas experiências, nesse caso, não científicas. A educação, a experiência e o mundo se relacionam de forma indissociável e juntos eles resultam na vida. Por essa razão, uma educação voltada para as experiências é essencial para o crescimento e o desenvolvimento humano (Dewey, 2023).

> Dewey alertou que em qualquer idade a vida apresenta potencialidades que podem desabrochar, isto é, o crescimento é contínuo, por isso, vida é o próprio crescimento e a direção educativa deste crescimento é a que oferece condições para haver mais crescimento. Neste sentido, Dewey defendeu a necessidade da educação levar a sério a possibilidade de crescimento da vida da criança desenvolvendo as potencialidades de sua experiência presente, contrapondo-se à educação como preparação para o futuro (Muraro, 2015, p. 35).

Uma das características da filosofia educacional de Dewey é o aprender através do interesse do aluno, na qual se estimula um processo de continuidade e de interação por meio das experiências que serão vivenciadas e, por fim, desenvolver o pensar reflexivo. Para que essa filosofia seja realizada, ele defende o uso de métodos científicos, para assim conseguirem progredir. Dessa forma, as "experiências educativas devem levar a um mundo em expansão da matéria de estudo, o método científico explora a importância das experiências cotidianas" (Dewey, 2023, p.133).

> O ato de pensar implica todos estes atos - a consciência de um problema, a observação das condições, a formação e a elaboração racional de uma conclusão hipotética e o ato de a pôr experimentalmente em prova. Ao mesmo tempo que o ato de pensar resulta em conhecimento [...] (Dewey, 1979, p. 166).

O método científico é defendido por Dewey como essencial no processo de ensino e aprendizagem como promotor no desenvolvimento do pensar reflexivamente e na capacidade de resolução de problemas reais. Diante do que foi exposto, buscou-se o

ISSN: 2358-8829

desafio de realizar um ensaio, um estudo introdutório, em que se propõe um diálogo entre algumas das premissas propostas por Dewey (2023) e os Estudos do Meio, apresentado por Zabala (1998; 2002).

UM POSSÍVEL DIÁLOGO ENTRE DEWEY E ZABALA: análise e discussão

No início desta seção, é importante destacar que os autores Dewey (2023) e Zabala (1998; 2002) são de momentos históricos muito distintos e com produção teórica igualmente diversa. A principal diferença entre Dewey (2023) e Zabala (2002) é que, respectivamente, um propôs uma teoria (Filosofia da Experiência) e o outro apresentou uma reflexão sobre métodos globalizadores, entre os quais descreve os Estudos do Meio, proposto inicialmente pelo *Movimento de Cooperazione Educativa* (MCE). O elo encontrado entre essas duas perspectivas é que tanto a Filosofia da Experiência quanto o método Estudo do Meio valorizam as experiências que, num primeiro momento, devem partir dos interesses das crianças, do espaço de vivência e consideram a investigação científica como primordial para a aprendizagem.

De acordo com Zabala (2002), a etapa inicial da proposta pedagógica é a motivação da criança, em outras palavras, os seus interesses e as suas próprias experiências de vida. Assim, as crianças reconhecem o sentido da aprendizagem, uma vez que as razões para aprender estão estabelecidas desde o princípio. Elas tendem a compreender com mais facilidade a situação e podem perceber sentido no conteúdo proposto. Para Dewey, o ponto de partida de sua Filosofia da Experiência não é diferente, pois também valoriza a motivação e as vivências dos alunos como elementos fundamentais para o processo de aprendizagem.

> Essa primeira condição constitui o princípio fundamental da mais recente teoria da educação, ou seja, o princípio de que toda instrução deve se iniciar a partir das experiências que os alunos já possuem; de que essas experiências e as capacidades desenvolvidas a partir delas fornecem o ponto de partida para todo aprendizado futuro (Dewey, 2023, p.108).

Os próximos passos do Estudo do Meio envolvem a formulação de perguntas e o levantamento de hipóteses. Isso estimula a curiosidade, manifesta questionamentos e debates, já que as crianças, provavelmente, possuem suposições que podem ou não ser verdadeiras, isto é, baseadas no senso comum. É, também, interessante anotar essas suposições, porque, ao terminar a investigação, será possível visualizar e comparar o

ISSN: 2358-8829

conhecimento confuso e o conhecimento encontrado na investigação (Zabala, 2002). Nesse momento do Estudos do Meio, abre-se espaço para a problematização.

Essa parte também dialoga com os ensinamentos de Dewey, já que ele defendia que o conhecimento não deveria ser simplesmente transmitido pelo professor, mas construído pelo estudante por meio da interação com o ambiente e da reflexão sobre suas experiências. O conhecimento do senso comum vindo da criança, para ele, não era inválido, era extremamente valioso para o ensino e aprendizagem. O próprio autor disse que o saber não é somente acadêmico e não se resume à instituição escolar (Dewey, 2023).

> A característica que distingue a educação baseada na experiência da educação tradicional é o fato de que as condições encontradas na experiência dos alunos devam ser utilizadas como fontes de problemas. Na escola tradicional, a fonte dos problemas está fora da experiência dos alunos (Dewey, 2023, p. 117).

As experiências dos alunos são o ponto de partida para que o aprendizado ocorra, mas é preciso ir além. Nesse sentido, Dewey (2023, p.131) afirma: “As hipóteses encorajam a atividade intelectual”. Em razão disso, ele apresenta três passos que levam ao conhecimento científico. O primeiro é que as hipóteses são o ponto de partida primordial que leva a uma pesquisa e, consequentemente, ao conhecimento científico. Em segundo lugar, ele afirma que, ao testar as hipóteses, é imprescindível o uso de observações, para, assim, levar a experiência adquirida ao conhecimento. Por fim, ele argumenta que questionar e refletir sobre todo esse processo é essencial para obter tal conhecimento, uma vez que as “Experiências educativas devem levar a um mundo em expansão da matéria de estudo; o método científico explora a importância da experiência cotidiana.” (p. 133).

No método defendido por Zabala (1998; 2002), as crianças devem realizar uma esquematização, na qual selecionam os materiais e instrumentos que serão utilizados e estabelecem as fontes e a busca da pesquisa. Ao fazer essa seleção, elas estarão dando estrutura para o estudo, pois é com base nessa escolha que será possível avançar na pesquisa. A coleta, a seleção e a classificação de dados são a próxima parte do método. Essa etapa é importante para a investigação, sendo responsável por responder as perguntas realizadas no começo.

Além disso, para Dewey, a investigação científica é viva e está sempre em constante aperfeiçoamento. Ele ressalta também que, diante de um problema, acreditava que a dúvida e a perplexidade são motores da investigação e do pensamento reflexivo, concomitantemente, diz que o início da pesquisa é associado à dúvida (Cabral, 2014).

ISSN: 2358-8829

Cabral (2014) também relata que Dewey acreditava que o conhecimento não é lógica, mas investigação; já a lógica é usada durante o processo de investigação e está além das observações. Em outras palavras, a investigação se baseia, então, no conhecimento empírico. Também o método Estudo do Meio de Zabala parte das mesmas premissas e princípios para a execução de uma investigação. Ambos os autores trazem a investigação como fundamental para alcançar-se o conhecimento científico, além de ser uma rica forma de ensino e aprendizagem, pois há a participação ativa dos alunos durante o processo de investigação, indo contra o ensinar e o aprender tradicional.

Para Zabala (1998; 2002), com os dados coletados e selecionados, as crianças já podem aprimorar, afirmar ou contestar as hipóteses, ampliando, assim, seu campo de conhecimento sobre a temática. Por fim, elas devem generalizar e expressar o estudo em diferentes formas de comunicação (Zabala, 2002).

John Dewey (2023) enfatiza a importância de dar voz aos alunos, já que a educação não é somente obter o conhecimento escolar como um produto acabado. É preciso uma participação ativa deles, tal como o método defendido por Zabala, visto anteriormente. Para ambos, os alunos são protagonistas do processo de ensino e aprendizagem, sendo este um pilar fundamental da Filosofia da Experiência e do método Estudo do Meio.

Nesse sentido, os autores defendem uma educação que ultrapasse os limites da sala de aula e esteja fortemente conectada à vida social e comunitária. Para Dewey (2023), a escola deve ser um espaço democrático, onde o estudante aprende a conviver, questionar e participar da sociedade. Zabala (2002), por sua vez, ao defender esse método, fortalece a noção de que a educação tem um papel transformador, formando sujeitos capazes de intervir na realidade.

Portanto, o método defendido por Zabala pode, em alguma medida, contribuir para agregar qualidade à experiência proporcionada pela escola. A Filosofia da Experiência, defendida por Dewey, valoriza e transforma o cotidiano dos alunos e seus interesses em objeto de estudo e de reflexão, promovendo uma aprendizagem engajada, crítica e cidadã. Entendemos ser possível estabelecer pontos de conexão entre as premissas defendidas por esses autores. De um lado, Dewey apresenta o aporte teórico e filosófico, em que há a valorização da experiência qualificada, ou seja, possuidora de um conjunto de características que a diferencia de algo corriqueiro, conforme expresso na primeira seção deste trabalho.

ISSN: 2358-8829

Por outro lado, Zabala (1998; 2002) descreve um método, que é a parte prática, ou seja, uma proposta pedagógica diferenciada que possui etapas que se aproximam de uma pesquisa científica atrelada à vida cotidiana. De acordo com o autor, o *Movimento de Coperazione Educativa* (MCE), do qual origina a proposta de Estudo do Meio apresentada por Zabala, defende que o "espírito científico" é essencial no desenvolvimento do "hábito democrático" (1998, p. 153).

Dewey (2023) acreditava no uso de métodos científicos em sala de aula, e que os educadores devem proporcionar essas experiências, para, assim, alcançar um ensino e aprendizagem de qualidade. Em acréscimo, Zabala (2002), além de descrever passo a passo o método, também traz exemplos de como utilizá-lo com as crianças em diversas situações, o que é uma grande contribuição para os professores terem como base e aplicar no cotidiano nas escolas.

Para Dewey (2023, p.33, grifo nosso), [...] "é essencial uma teoria coerente da experiência que indique uma direção positiva **para a seleção e organização de conteúdos e métodos educacionais apropriados** quando se tenta buscar um novo caminho para o trabalho das escolas." Desse modo, entende-se que ele compreende a relevância de utilizar um método para colocar em prática sua Filosofia da Experiência. Como é possível observar nessa citação, ele afirma que, para se ter uma teoria coerente na prática, faz-se necessário o uso de seleções, organizações e métodos educacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao dialogar com esses dois autores, é perceptível que o método Estudo do Meio, apresentado por Zabala (2002), dialoga com algumas ideias defendidas por Dewey (2023). Portanto, grosso modo, um enaltece a indispensabilidade do uso de um método científico, a valorização da experiência "qualificada" como fonte de conhecimento, o interesse, os problemas reais e o desenvolvimento do pensamento reflexivo; o outro traz a metodologia do Estudo do Meio com etapas que se aproximam do método científico, a valorização dos interesses da criança, a resolução de problemas reais e a importância da experiência. O Estudo do Meio pode ter valor agregado ao incorporar e colocar em prática a ideia de experiência defendida por Dewey.

Em suma, educar é, sobretudo, preparar o sujeito para a vida, e essa preparação não pode se restringir aos limites da sala de aula. Diante do exposto ao longo deste artigo,

retorna-se à problemática inicial: os espaços externos da escola podem potencializar o processo de ensino e aprendizagem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental? É possível concluir que, sim, os espaços externos podem contribuir para se ter um bom ensino e aprendizado nos Anos Iniciais. A análise realizada evidenciou que, para obter-se uma educação de qualidade, é necessário enriquecer as experiências desses alunos, e as atividades para além dos limites da sala de aula têm potencial para isso, mas devem estar atreladas a uma metodologia e a uma filosofia que as potencializem.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem; Espaços Externos; John Dewey; Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Estudos do Meio

REFERÊNCIAS

BENTO, Gabriela; PORTUGAL, Gabriela. Valorizando o espaço exterior e inovando práticas pedagógicas em educação de infância. Revista Iberoamericana de Educación, [S. l.], v. 72, p. 85-104, 2016.

CABRAL, Caio César. A teoria da investigação de John Dewey: lógica e conhecimento. Cognitio-Estudos: revista eletrônica de filosofia, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 167-176, 2014.

COUTO, Sabina; LOUREIRO, Domingos. A experiência da Natureza e o potencial pedagógico nos 1º e 2ºs ciclos do Ensino Básico. Revista Visuais, Campinas, SP, v. 9, n. 2, p. 148–173, 2023.

DEWEY, John. Experiência e educação. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MURARO, Darcisio Natal. O Papel do Interesse na Democracia e na Educação. Educação em Foco, [S. l.], v. 22, n. 38, p. 66–90, 2019.

ROSA, Nádia Sofia Pereira. Espaço exterior da escola: Uma sala de aula a descobrir. 2022. 51 f. Dissertação (Mestrado em Educação Pré-Escolar) – Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2022.

TEIXEIRA, Anísio. A pedagogia de John Dewey (esboço da teoria de John Dewey). In: DEWEY, J. Vida e Educação. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 113-135.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Tradução Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ISSN: 2358-8829

ZABALA, Antoni. Enfoque globalizador e pensamento complexo: uma proposta para o currículo escolar. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.